



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Figura elegante

O professor José Carlos Coutinho é uma das figuras mais elegantes, admiradas e distintas da cidade. Ele pode ser encontrado em todos os lugares onde acontecem eventos culturais importantes. Segundo José Geraldo Sousa Júnior, a presença de Coutinho em um evento é um selo de qualidade.

Com certeza, e sabedores da alta credibilidade de Coutinho, os produtores disputam a tapa a aparição da ilustre figura. Coutinho é tão assíduo que muitos juram tê-lo visto em três eventos de lugares diferentes ao mesmo tempo, com testemunhas idôneas.

Enquanto muitas excelências tratam

Brasília como mero cenário para um faoeste caboclo, Coutinho não apenas vive em Brasília; ele vive Brasília o tempo todo. Durante mais de 40 anos, ele contribuiu para a formação de várias gerações de brasilienses como professor da Faculdade de Arquitetura da UnB. Mais do que um professor, ele é um mestre.

Brasília foi criada por artistas e por um presidente com alma de artista. E Coutinho assimilou a lição. Com a aposentadoria, ele se permitiu transformar em projeto de vida aquilo de que mais gosta: acompanhar a agenda cultural de Brasília. Se a cidade não tinha esquinas, inventou muitas e Coutinho as frequenta. Se você quiser encontrá-lo, não mande um zap; vá ao Cine Brasília, ao CBBB, ao Clube do Choro ou ao Eixão do Lazer.

Coutinho se encanta com o jardim aquático de Burle Marx na 308 Sul, do pontão, dos parquinhos das superquadras,

do Beirute, da Ponte dos Arcos e da Escola de Música e do Lago Paranoá. Mais do que o Itamaraty ou a Catedral Metropolitana, ele considera o Lago Paranoá a obra mais fascinante de Brasília. Não é uma dádiva da natureza; é uma criação da inteligência humana, argumenta.

Durante a pandemia, Coutinho enfrentou um dos períodos mais difíceis para viver Brasília. Mas ele não se resignou. Um dos poucos locais que tinha permissão para funcionar eram as igrejas evangélicas. E, mesmo sem ser religioso, Coutinho frequentava os templos para ouvir, conversar, conhecer e trocar uma ideia, sem o menor preconceito.

Coutinho chegou a Brasília em 1968, com 33 anos, para ministrar um curso de seis meses na Universidade de Brasília. Todavia, os alunos gostaram tanto que, praticamente, exigiram que ele continuasse. E Coutinho se tornou um brasiliense de

corpo e de alma. Ele é uma figura generosa, elegante, gentil e bem-humorada, mas sem perder o senso crítico e verve gaúcha jamais.

Se tivesse poderes para tal, Coutinho gostaria de criar uma lei para que, antes de assumirem cargos públicos, todos os governantes fizessem um curso sobre patrimônio histórico. Admira a cidade como poucos. No entanto, isso não significa que abra mão do senso crítico. No programa Cultura ao Quadrado, de Marcia Zarur, ele evocou um episódio ilustrativo de sua postura.

Certa vez, Niemeyer visitou a UnB e, ao ser convidado a passar pela Faculdade de Arquitetura, ele se recusou, pois, lá, teria um inimigo: José Carlos Coutinho. Na época, Coutinho sentiu o impacto, mas, com o passar do tempo, virou uma piada. Com toda a genialidade, Niemeyer tinha dificuldade de aceitar reparos à sua obra. E, para

Coutinho, o apreço pela cidade e o senso crítico não são incompatíveis. Não é para qualquer um ser "inimigo" de Niemeyer.

Mas o nosso personagem cultivava também histórias felizes com os criadores de Brasília. Numa das vindas de Lucio Costa à cidade, em 1985, Coutinho e um grupo de arquitetos convidaram o urbanista para conhecer o bar Moinho na 114 Sul. Lucio foi reconhecido pelos frequentadores, que irromperam em salva de palmas, sem nenhuma premeditação.

E, lá pelas tantas, uma moça levantou-se da cadeira, enlaçou Lucio Costa por trás e deu-lhe um delicado beijo na careca. Era o reconhecimento de uma geração que teve o privilégio de crescer em uma cidade -parque, cidade-céu, cidade de construções com espaço calculado para nuvens, como escreveu Clarice Lispector. Cidade que Coutinho ensinou e ensina a amar, criticamente, como poucos.

INTOLERÂNCIA / Estudantes apagam símbolos que consideram ligados ao comunismo no câmpus e prometem mais ações. Ato gerou repúdio de entidades acadêmicas, que o classificaram como "vandalismo" e avanço da extrema direita

Confronto político na UnB

» CARLOS SILVA

Reprodução/Redes Sociais

A Universidade de Brasília (UnB) vai iniciar o semestre sob clima de tensão política após um grupo de jovens estudantes de direita apagar frases e símbolos que associavam ao comunismo dentro do campus Darcy Ribeiro. A ação aconteceu na sexta-feira e teve como principal alvo o Centro Acadêmico de Artes Visuais (Cavis), onde a porta foi pintada de branco. O grupo ainda prometeu mais ações no dia 24/3, primeiro dia de aulas do semestre. "Não é um terço do que a gente vai fazer", disse Davi Bertoldo, um dos que aparece em um vídeo divulgado por eles nas redes sociais.

Além de remover as mensagens, os integrantes do grupo espalharam pela instituição de ensino diversos cartazes e panfletos, em apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e pedindo anistia para os envolvidos nos atos golpistas de 8 de janeiro, além de bandeiras do Brasil e de Israel. O grupo alegou que a ação ocorreu porque a universidade supostamente abriga mensagens de "crisofobia", "apoio ao terrorismo" e ódio contra figuras da direita.

"A gente mostra aqui o que anos de esquerda fizeram com uma das universidades mais conhecidas do país", afirmou o estudante de Direito Victor Jansen, destacando a suposta presença de grupos que apoiam o anarquismo e a existência de locais que ele classifica como "abatedouros", onde alunos e professores estariam envolvidos em atividades que não têm relação com o estudo.

Estudantes e entidades da UnB reagiram ao episódio com repúdio, classificando os atos como uma tentativa de intimidação política e destruição de espaços estudantis. A vice-presidente do Centro Acadêmico de Artes Visuais (Cavis), Carolina Paz, 21 anos, aluna do curso de bacharelado em artes visuais, classificou a ação como "vandalismo" e disse que o ato criou um clima de insegurança na comunidade acadêmica. "Já rolaram alguns protestos pró-Bolsonaro,



Diante da repercussão, a UnB se manifestou condenando qualquer ato de intolerância dentro de seus campi



Em uma das escadas da instituição, o grupo deixou uma bandeira de Israel



Integrantes do grupo espalharam cartazes e panfletos de apoio a Jair Bolsonaro

mas sabíamos que era um movimento fraco. Agora, eles estão ganhando espaço e estão mais confortáveis para infringir regras da instituição", disse.

Em nota, a UnB também se manifestou, afirmando que repudia qualquer ato de intolerância e vandalismo dentro dos campi. A instituição destacou

que medidas estão sendo tomadas para reforçar a segurança e proteger a comunidade acadêmica. "Historicamente, a luta contra o fascismo e o

autoritarismo exige um compromisso coletivo da sociedade e de toda a comunidade acadêmica. É hora de nos unirmos para garantir um ambiente

universitário seguro, plural e comprometido com a liberdade e a diversidade. A UnB não se intimida diante de tentativas de ataque aos seus valores e reafirma seu compromisso inegociável com a democracia", reforçou.

O Diretório Central dos Estudantes (DCE-UnB Honestino Guimarães) também condenou a ação do grupo. Em nota, reafirmou seu compromisso na luta contra o avanço da extrema-direita, dentro e fora da universidade. "Honrar essa história significa impedir que a universidade seja controlada pelos mesmos grupos que tentaram destruí-la no passado".

Carla Zambelli

O caso ganhou ainda mais repercussão depois que a deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) compartilhou o vídeo do grupo, endossando o discurso veiculado. Ao **Correio**, a parlamentar afirmou que a ação não pode ser considerada vandalismo e criticou o que chamou de falta de transparência no financiamento de centros acadêmicos com dinheiro público.

"A narrativa de vandalismo não se sustenta quando analisamos os fatos. O que esses jovens fizeram foi exatamente o oposto: preservaram o patrimônio público ao remover pichações ilegais, muitas delas contendo mensagens de cunho antissemita, antirreligioso e ideológico", comentou. Para a deputada, a ação foi um "ato legítimo e pacífico de conservação", enquanto a universidade tenta criminalizar estudantes que, segundo ela, apenas buscaram restaurar o espaço acadêmico.

Zambelli também reforçou críticas ao financiamento de centros acadêmicos com verba pública, alegando falta de transparência. "Muitas vezes, os centros acadêmicos utilizam dinheiro público para promover pautas político-partidárias, sem qualquer prestação de contas séria à comunidade acadêmica e à sociedade. Esse dinheiro deveria ser investido em benefícios diretos para os estudantes, como projetos de pesquisa, infraestrutura e assistência estudantil", disse.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 15 de março de 2025

» Campo da Esperança

Albertino José Ribeiro, 91 anos
Ana Lúcia Silva Souza, 69 anos
Carlos Augusto Cardoso de Moraes Rego, 87 anos
Elza Aparecida Grizendi Rocha, 93 anos
Hiram Marinho Cunha, 94 anos
Ildory Ribeiro de Carlo, 62 anos
Josefa Marques de Oliveira, 91 anos
Marcelo Caio Celestino de Souza, 31 anos
Marcio Cavalcanti da Silva Maia, 47 anos

Mario Antonio Garofalo, 82 nos
Olivia Maria da Silva, 95 anos
Sonia Soares Gomes, 36 anos
Tisato Sakai, 87 anos
Valmi Sabiao, 60 anos

» Taguatinga

Antônio Alves Pereira, 80 anos
Carmindo Pereira de Farias, 90 anos
João Rezende da Costa Abreu, 43 anos
José Pereira do Nascimento, 72 anos
Manoel Caetano de Souza, 70 anos
Mária da Luz Divina, 10 anos
Mária Varelo da Silva, 58 anos

Pedro José Francisco da Silva, 72 anos
Raniela Mendes da Silva, 34 anos
Rodrigo Gomes Machado, 42 anos
Tereza Cristina da Costa Pinto, 63 anos

» Gama

Francisca das Chagas dos Santos, 74 anos
Francisco de Assis Teles, 73 anos
José Divino de Souza, 89 anos
José Maria da Silva, 66 anos
Maya Rocha dos Santos,

recém-nascida
Yara Madeiro Pitaluga, 45 anos
Zita Xavier de Oliveira, 74 anos

» Planaltina

Antônio Leite de Aguiar, 96 anos
Edileuza Gomes da Silva, 41 anos
Paulo Leite dos Santos, 73 anos

» Brazlândia

Argemiro Rodrigues de Oliveira, 92 anos
Mária Ramos Ventura, 62 anos

» Sobradinho

Laurindo Mendes de Almeida, 72 anos
Raimundo Amorim da Silva, 86 anos

» Jardim Metropolitano

Oiles Batista de Oliveira, 64 anos
Cleoneice Dias Alcântara, 76 anos
Keila Maria dos Reis Ramos, 46 anos
Renildo de Moraes, 73 anos
Adelaide Abdala Soares, 92 anos (cremação)
Lucia de Fátima de Souza Barbosa, 64 anos (cremação)